

Sonhar dormindo e sonhar acordado

Crítica de *O sapateiro ruço*

Por Renan Ji

A desigualdade social é um tema sociológico e popular: de abordagens teórico-sistêmicas das ciências humanas até o primo rico e o primo pobre, trata-se de uma questão que permeia todas as sociedades neoliberais, das crianças aos adultos. *O sapateiro ruço*, com direção de Cássio Brasil, atuação de Carlos Escher e dramaturgia assinada por ambos, traz uma narrativa aparentemente simples sobre a desigualdade, narrando a história de Antônio, um sapateiro muito pobre que possui a consciência das hierarquias sociais e dos privilégios de classe. A história se inspira no conto “O sapateiro e a força maligna”, de Anton Tchekhov, e tanto o texto original quanto a releitura teatral resgatam o mito fáustico do pacto com o diabo.

Travestido de cliente rico, o diabo concede a Antônio a vida como rico, permitindo-lhe experimentar toda a sorte de vivências dos abastados: a comilança, o sentimento de superioridade, a exigência constante na prestação de serviços e o descaso na hora do pagamento, além do acúmulo exponencial de dinheiro. Como num típico conto de Natal (época do ano em que se passa a história), os revezes surgem para relativizar a vida supostamente perfeita dos endinheirados. Antônio aprende como os ricos empanturraram-se sem limite, são escravos do decoro e da etiqueta (não podem cantar na rua, não podem se sujar), e não conseguem dormir porque temem mais que tudo perder seu precioso dinheiro.

Mas Antônio percebe não apenas as “agruras” dos ricos. Ele tem consciência de classe: entende, por exemplo, que, ao se tornar rico e conseguir vingar-se de um antigo rival também sapateiro, ele estava agindo exatamente como os ricos que antes lhe maltratavam e faziam pouco caso do seu trabalho. Nessa e em outras situações, ele sente então “um peso na alma”, e no final da peça vemos que esse sentimento vai além. No momento em que o demônio vem lhe cobrar o preço do combinado – a sua alma em troca da vida de rico – Antônio é tomado por uma profunda consciência de como funciona o sistema. Percebendo a exploração socioeconômica e se revoltando contra essa lógica simbolizada pelo próprio diabo, ele decide então lutar contra a engrenagem perversa da desigualdade, munindo-se da força dos punhos para combater o diabo.

Nesse mesmo momento, nosso herói acorda. Na realidade, o cliente rico – assustador e demoníaco no sonho – não quer a sua alma. Aos gritos, ele está atrás de sua encomenda, há dias atrasada. O sapateiro entrega o produto e recebe menos do que o combinado, pois clientes ricos sempre cobram taxas, exigem descontos... Após mais esse abuso, numa vida de resto já tão aviltada, Antônio vai finalmente descansar, porque o dia seguinte será de intenso trabalho, assim como todos os dias. A engrenagem nesse desfecho parece estar tinindo, movendo-se forte como nunca. O sistema de exploração continua como sempre foi.



Foto de Alice Peres

Quando o narrador da peça começa sua história, ele nos avisa que “Era véspera de Natal” e o palco se ilumina ao som da canção do sino de Belém tocada em lira (Glockenspiel) e violino. Mesmo que isso seja um clichê de conto de Natal, essa estratégia nos comove e encanta (ou talvez só a mim mesmo) e é notável como ela inaugura no pequeno palco do Café Pequeno um espaço de fantasia. Há uma certa promessa de final feliz que não se concretiza em *O sapateiro ruço*, pois Antônio acorda do sonho e retorna à dura vida de trabalhador. Ao fim de tudo, ele se fecha em silêncio dentro de uma grande caixa de madeira, enterrando assim o grande gesto revolucionário de lutar contra o diabo capitalista. No fim das contas, a revolução parece ter sido um sonho em vão.

A grande caixa de madeira em que Antônio se fechou é um dispositivo cênico-narrativo, constituindo boa parte do cenário de Cássio Brasil. Com portas que se abrem em direções diversas, a cenografia permite a entrada e saída do ator por variados ângulos de visão da plateia. A caixa permite fazer as transições de espaço e de personagens da história, assim como delinea a aura de mistério dos enlances sobrenaturais do sonho de Antônio – por ângulos oblíquos, vemos a pata de cavalo do patrão; com a caixa girando rapidamente, acompanhada de efeitos de som e luz, vemos a mágica transformação do protagonista pobre em rico. A grande caixa faz parte de uma engrenagem que gira sobre si mesma, e é notável como essa parece ser a própria trajetória de Antônio: ele gira e gira, terminando no mesmo lugar.

A grande caixa coloca todos os personagens e recursos cênicos em movimento no plano do sonho, ao passo que implode esse mesmo sonho vedando toda a possibilidade de superação ao protagonista. A tese social sobre a desigualdade que parecia estar se desenvolvendo cai por terra e é certo que um final como esse pode soar incômodo, se a expectativa é a de um conto edificante, com uma lição de moral. Afinal, o trabalhador na peça não tem chance de redenção. Vemos que, apesar de alguns problemas, ser rico continua sendo bom; ser pobre certamente continua sendo ruim; e as desigualdades e injustiças continuarão enquanto a estrutura se mantiver de pé.

Porém, se Antônio é engolfado pela caixa de madeira, o certo é que nós – crianças e adultos – não estamos presos. Aquilo que Antônio viveu, para ele, pode ter sido somente um sonho

impossível. Mas para nós, que estamos nesse misto de sonho acordado ou de concretude lúdica que é o teatro, temos acesso a mais do que somente uma ilusão. A caixa de madeira é um constructo teatral que de fato mostra a engrenagem que gira em torno de si mesma, autofágica como o capitalismo, mas é também a possibilidade teatral de mudar de perspectivas (viver como rico, viver como pobre), de sonhar, de criar mundos. Antônio pode não ter vislumbrado nenhuma saída para sua pobre vida de trabalhador, e nesse sentido seu sonho pode ter sido de fato em vão. No entanto, para nós, que vivemos esse mesmo sonho muito acordados no teatro, é possível olhar a engrenagem e não se deixar devorar por ela.



Foto de Alice Peres

No sonho de Antônio vivido como teatralidade, é como se nós estivéssemos com um olho aberto e outro fechado, atentos aos sinais. Podemos perceber que os “patrõesinhos” são homens muito crescidos, soberbos e muitas vezes monstruosos, moradores da “Travessa das Sanguessugas”. Por isso é tempo de parar de sonhar com os ricos, espelhando-se neles, replicando suas palavras e práticas sociais. Zombado na rua com insultos racistas, vemos como o preconceito contra o trabalhador, a cor da sua pele, o cabelo e as roupas faz parte da luta de classes. As diferenças entre ricos e pobres têm fundamentos socioeconômicos, mas também raciais. Antônio diz que tem a mesma boca, os mesmos olhos, a mesma cara, por que é tão mais pobre que seus semelhantes?

No sonho psicanalítico, o inconsciente vai montando fragmentos soltos, pedaços de imagens extraídos do psiquismo profundo e da vigília. Da mesma forma, algumas peças de um quebra-cabeça revolucionário estão soltas, esparsas na dramaturgia e na cena de *O sapateiro ruço*. Antônio pode não ter montado o seu quebra-cabeça. Mas nós guardamos as nossas peças, mesmo após estourarmos os balões de festa, quando a engrenagem que gira e gira, sem saída, devorando-se a si mesma, para e adormece.

O sonho de Antônio talvez sirva menos para ele do que para nós. Sua aventura onírica sobre a luta de classes e a consciência da exploração do trabalhador nos deixa pequeninas britas que, jogadas nos desvãos da história, vão fazendo a engrenagem rodar cada vez mais desengonçada.

Renan Ji é crítico de teatro da Revista Questão de Crítica e professor de literatura brasileira da UFRJ.